

CAMPOS DE GUARAPUAVA

O Brasil, sob o ponto de vista geográfico, é conhecido como o país das florestas. As observações feitas num mapa fitogeográfico desfazem, no entanto, essa impressão.

Devido às variações climáticas numas regiões, condições de solo em outras, ou em virtude de ambos os fatores, acrescidos das condições de relevo locais, o Brasil pode ser chamado, também, o país dos campos.

No Estado do Paraná, os campos naturais abrangem mais de 50% de sua superfície total. Salientam-se aí os campos de Guarapuava, situados no planalto guarapuavano, tendo sido uma zona de grandes possibilidades para o desenvolvimento da pecuária e hoje decadente.

Esta imensa extensão de campos está limitada a leste pela serra da Esperança e ao norte pelas serras de São-João e Juquiá. O seu limite oeste, segundo observações realizadas no local, pode ser estabelecido pelo divisor de águas dos rios Jordão e Cavernoso. Desenvolvendo-se numa altitude de 190 a 1 000 metros cobrem, segundo o Cel LIMA FIGUEIREDO, uma área de 14 060 quilômetros quadrados.

Estes imensos campos descobertos, em 1771, pelo Ten CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA e conquistados para a civilização, depois de ingêntes lutas contra os agüerridos indígenas, eram chamados, primitivamente, de campos de Guaiá, nome da valente tribo que os habitava.

Como conta o Cel LIMA FIGUEIREDO, no Oeste Paranaense, "em seguida à conquista, o nome foi mudado para Guarapuava, em virtude dos lobos ariscos que existiam na região e cujas pelis alcançavam preços convidativos.

A morfogenia do termo Guarapuava é "guará" (lôbo) e "puava" (arisco, feroz)".

O padre FRANCISCO DAS CHAGAS LIMA, que acompanhou a expedição conquistadora dos campos, em 1809, na Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava, dá uma interpretação diferente. Segundo êle, o nome foi dado por alguns sertanistas, por terem caçado aí uma arara, significando "guará" (pássaro pequeno) e "puava" (ave que não ó rasteira, mas voadora veloz).

Os campos levemente ondulados, cortados por vales largos e de encostas suaves, são revestidos por uma vegetação gramínea e subarbusiva, em que dominam as Gramíneas, Compostas, Leguminosas e Rubiáceas.

Quebrando a monotonia desta paisagem, aparecem ilhas de matas, os caapões, dominados pelas imponentes araucárias. Segundo HOEHNE, a distribuição da água no subsolo é que explica o aparecimento de tais caapões, em meio da imensidão dos campos. "Esses caapões formam-se, geralmente, nos pontos em que a rocha subterrânea ou camada impermeável forma uma bacia ou se aproxima mais da superfície, de modo a poder conter água do subsolo após as infiltrações e escoamentos das chuvas". Teriam por isso, uma forma, geralmente, circular. E são nestes frondosos caapões que o gado busca refúgio contra os raios abrasadores do sol. Outras formações florestais, ainda, entremeiam os campos: são as matas ciliares, que quais "rios-de-verdura", se alongam pelas margens dos cursos d'água.

Os campos de Guarapuava são sucedidos, a oeste, por uma zona de florestas, que se tornam mais densas, à medida que se desce as encostas dos vales profundos dos rios Cavernoso, Cantagalo e Tapera. Em seguida a esta zona em que a atividade madeireira é intensa, aparece uma nova zona de campos, com uma altitude de 100 a 150 metros, aproximadamente, mais baixa que os de Guarapuava. São os campos de Laranjeiras de aspecto bem diferentes daqueles.

Enquanto os primeiros, constituem extensos campos de vegetação gramínea e subarbusiva baixa, entremeados de caapões, os campos de Laranjeiras representam já, uma transição entre os de Guarapuava e a floresta. Não são campos verdadeiros, apresentando uma vegetação arbustiva mais desenvolvida e variada.

Os campos de Guarapuava foram, outrora, uma importante zona de criação de gado. Segundo informações obtidas pelo Cel LIMA FIGUEIREDO, a criação de gado franqueiro era bastante desenvolvida antigamente.

Porém, com a abolição da escravatura, o gado, sem trato pela falta de braços, ficou inteiramente abandonado nos campos. Foi, então, que uma companhia frigorífica comprando quase todo o gado existente, mafou-o desordenadamente, sem incrementar a criação. Finalmente, a decadência acentuou-se, ainda mais, com a revolução de 1924-25.

Atualmente, apesar de reduzida, a criação de gado: bovino, suíno e cavalari, constitui a atividade humana mais importante nos campos. Domina aí o regime das grandes propriedades, onde se faz, de preferência, a criação de bovinos.

O gado suíno é criado, principalmente, nos pequenos sítios pelos "safristas" e apesar de seu aspecto destrutivo, êste tipo de criação é muito desenvolvido.

Nas grandes propriedades, o fazendeiro tem, para cuidar do gado, capatazes que, geralmente, não são interessados na criação, como acontece em outras zonas criadoras do Brasil. Estes agregados moram na casa principal tendo, porém, casas para a família nos caapões, onde fazem também suas pequenas roças.

Os grandes fazendeiros vendem seu gado para os frigoríficos de Guarapuava e Ponta-Grossa, enquanto que os pequenos criadores o vendem para o consumo das cidades vizinhas.

Entretanto, esta criação, relativamente, à grande extensão dos campos, é feita em pequena escala, o que pode ser explicado, em parte, pela má qualidade das pastagens, invadidas de ervas daninhas, de que predomina a "barba-de-bode".

Zona de povoamento antigo, o "hinterland" guarapuavano, abandonado pelos seus primeiros ocupantes, que em busca de paragens mais propícias, emigraram para outras regiões, encontra-se hoje quase despovoado.

Mister se torna, que esta extensa zona de campos do Paraná seja aproveitada inteligentemente pelo homem e que o desenvolvimento da sua pecuária possa constituir um pêso vivo na economia paranaense.

ELZA COELHO DE SOUSA

